



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

CAMILA BARBOSA DE MOURA DA SILVA

**DESEJO E INTERDIÇÃO NO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE
CLARICE LISPECTOR**

**MACEIÓ
2020**

CAMILA BARBOSA DE MOURA DA SILVA

**DESEJO E INTERDIÇÃO NO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA”, DE
CLARICE LISPECTOR**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, como requisito parcial para obtenção de graduação em Letras/Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susana Souto

**MACEIÓ
2020**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DA ALUNA: Camila Barbosa de Moura da Silva

MATRÍCULA: 14211304

CURSO: (X) PORTUGUÊS () INGLÊS () ESPANHOL () FRANCÊS

TÍTULO DO TCC: DESEJO E INTERDIÇÃO NO CONTO "FELICIDADE CLANDESTINA", DE CLARICE LISPECTOR.

Ao(s) 20 dia(s) do mês de setembro do ano de 2020,
reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Susana Souto Silva

1º Prof./a Examinadora: Fabiana Pincho de Oliveira

2º Prof./a Examinadora: Ana Clara Magalhães de Medeiros

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a: 8,0 (inteiros)

1º Prof./a Examinadora: 8,0(oito inteiros)

2º Prof./a Examinadora: 8,0(oito inteiros)

totalizando, assim a média 8,0(oito inteiros)

e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 20 de setembro de 2020.

Prof./a Orientador/a

1º Prof./a Examinadora

2º Prof./a Examinadora

VISTO DA COORDENAÇÃO

Dedico este trabalho à minha filha Larah Beatriz de Moura Moreira Macêdo, luz da minha vida, pela superação e compreensão da minha ausência todo tempo em que estive envolvida com minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, entre surpresas e grandes mudanças, o maior desafio foi superar a insegurança, o medo de não conseguir. Muitas pedras no caminho superei com paciência e resignação, juntei todas e construí meu castelo do aprendizado. Quero expressar minha gratidão àqueles que não me deixaram sozinha nessa longa jornada. Dessa forma agradeço:

A Deus que me deu energia para persistir em busca da realização desse sonho, pois cursar uma faculdade como mãe solo e trabalhando simultaneamente é para quem tem muita fé.

A minha mãe, Benícia Barbosa de Moura da Silva, que cuidou da minha educação com amor e prioridade, muitas vezes colocando seus desejos em segundo plano para que eu pudesse realizar os meus. As minhas vitórias sempre serão suas também, mãe.

Ao meu pai, Adávio Soares da Silva, por ter tanta fé em mim, ter me protegido e me feito forte para enfrentar o mundo como uma MULHER. Obrigada, painho, por ter cuidado da nossa família com tanta dignidade e respeito. Cuidarei para que tenhas sempre muito orgulho de mim.

Aos meus tios, Verônica Maria Soares Pereira, minha grande incentivadora, e Armando Pereira da Silva, por terem me ouvido, orientado e apoiado.

Ao meu namorado, companheiro e melhor amigo, José Guilherme Vilela Santos, que entrou em minha vida para me impulsionar a ser ainda melhor. Obrigada por ter se doado ao meu sonho, dedicando-se a me ajudar materialmente e, principalmente, emocionalmente. Você foi a dose de fôlego que me faltava para fechar esse ciclo.

Aos meus queridos amigos professores, José Siqueira, Jian Kalil e Luiz Philippsen, por terem sido extremamente empáticos, parceiros e pacientes. A nossa dívida é eterna. Muito obrigada de coração.

Aos meus parceiros/anjos, Maria Inês Moreira Milito e José Carlos Milito, por terem sido tão generosos com minha filha e comigo desde sempre. Serei eternamente grata por tudo.

Aos meus amigos, Mariana Holanda, Thaynná Monteiro, Angélica Nascimento, Nicolas Albuquerque, Thaisa Moretti, Mário Henrique Von, Samantha Thalyta, Ramanna Soares, Patrícia Guedes, Érika Julião e Sabrina Larramendi, que me inspiram, cada um a sua maneira. Obrigada por me motivarem e terem me apoiado, segurando minha mão, enxugando minhas lágrimas, fazendo-me rir ou me empurrando para frente nos momentos de incerteza.

À Prof^ª. Dra. Susana Souto, minha orientadora, pela disponibilidade, generosidade ímpar e grande carinho. Você é uma inspiração de professora e de ser humano. MUITO OBRIGADA.

Epígrafe

“A única verdade é que vivo. Sinceramente, eu vivo. Quem sou? Bem, isso já é demais.”

Clarice Lispector

RESUMO

A presente pesquisa se insere dentro do âmbito dos estudos literários, na medida em que versa acerca da análise literária da narrativa “Felicidade clandestina”, conto de autoria de Clarice Lispector, presente no livro homônimo, publicado em 1971. Como a maioria dos contos presentes na obra citada, “Felicidade clandestina” estrutura sua narrativa a partir de uma recordação da pré-adolescência. Tomar-se-á, como base, para a análise literária do conto, o desejo e o erotismo que envolve o sofrimento pelo qual a autora passa para conseguir o empréstimo com a filha de um dono de livraria que desenvolve prazer em adiar a entrega do objeto desejado. Percebe-se, assim, que a estrutura da narrativa mimetiza a passagem do “descontínuo” ao “contínuo” ou, ainda, do “desejo” à “transgressão”, nos moldes de Bataille (1987), e que, dessa forma, alia-se à história para compor o enredo no movimento de redução estrutural: internalização e externalização dos objetos autônomos da obra literária (CANDIDO, 2017).

Palavras-chave: Felicidade Clandestina. Clarice Lispector. Erotismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. EROTISMO E LITERATURA: BREVES REFLEXÕES.....	9
2.1 A solidão do erótico.....	12
2.2 A ilusão da continuidade.....	13
3. DESEJO E INTERDIÇÃO EM “FELICIDADE CLANDESTINA”.....	16
4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

Para compreender melhor a força da escrita de Clarice Lispector, é preciso antes conhecer um pouco sobre a vida dessa escritora que se destacou, no cenário literário brasileiro na terceira fase do modernismo, chamada de “Geração de 45”:

Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há uma greve geral de transportes. Mesmo quando estava contente ela própria, numa reunião qualquer, havia sempre, nela, um afastamento. Acho que a conversa que mantinha consigo mesma era intensa demais. (GOTLIB, 2013, p. 39).

Por serem judeus, seu pai decidiu fugir com sua família da perseguição durante a Revolução Russa (1918-1920) para o Brasil, na esperança de outra vida melhor na América do Sul. Com a ajuda do cunhado de sua esposa, José Rabin, à época, próspero comerciante que residia em Maceió, a família Lispector chegou à capital de Alagoas, em março de 1922, onde residiram 3 anos. Mais tarde, mudaram-se para Recife, à procura de melhor oportunidade de vida, já que na capital alagoana as opções de trabalho para Pedro, imigrante, não foram satisfatórias.

Na infância, a autora era também ávida pela leitura e gostava de escrever poemas e contos. Desde pequena teve interesse por estudar várias línguas (português, francês, inglês, hebraico, russo). Adotou o português como sua língua materna, pois chegou ao Brasil ainda muito novinha, com apenas 15 meses de vida.

Em 1943, publica seu primeiro livro, aos 23 anos, romance aclamado pela crítica, no ano seguinte, ganhador do prêmio Graça Aranha: *Perto do Coração Selvagem*.

Depois disso, uma série de obras foram desenhadas por sua mente fascinante e publicadas, tais como: “A paixão segundo G.H”, “Laços de Família”, “Um Sopro de Vida” e “A Hora da Estrela”, um dos mais conhecidos até hoje.

Clarice Lispector faleceu um dia antes de completar 57 anos, em 1977, em decorrência de um câncer. O Brasil perdeu, então, uma escritora brilhante que deixou dois filhos e um legado literário não apenas composto por obras incríveis, mas também um exemplo de mulher acima de seu tempo.

Este trabalho analisa o conto “Felicidade clandestina”, publicado no livro homônimo, a partir da reflexão acerca do erotismo.

No segundo capítulo, são apresentadas as concepções de desejo e erotismo que fundamentam as discussões de Bataille (1987) sobre o tema para embasar a análise do conto.

No terceiro capítulo é apresentado o conto “Felicidade clandestina” e a sua análise partindo dos pressupostos do filósofo francês que conduzirão à hipótese das figuras do desejo e erotismo imbricadas na tessitura do texto clariceano.

No quarto capítulo são apresentados os resultados e conclusões do trabalho.

2. EROTISMO E LITERATURA: BREVES REFLEXÕES

Em todos os períodos literários é possível perceber uma forma diferente de apresentar o erotismo até mesmo as relações sexuais propriamente ditas.

É certo que para cada momento houve um tom diferente para tratar do assunto, ora mais sutilmente, deixando a cargo do leitor perceber que a consumação do ato não se tratava apenas de prazer, mas sim da consumação do amor verdadeiro como fizeram os românticos, ora mais escancaradamente voluptuoso como visto nas obras de cunho realista/naturalista, a exemplo, “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo, em que o sexo é supervalorizado. Esta supervalorização do sexo é traço típico do determinismo biológico e do naturalismo, comparado a uma fonte de degradação moral patológica que conduz as personagens por relações matrimoniais manchadas pelo adultério, além do lesbianismo e a prostituição.

Em contrapartida a essa animalização do sexo, apresenta-se a escritora Clarice Lispector em seus textos com extrema elegância, tecendo a sua narrativa de modo a deixar pistas de erotismo a serem desveladas pelo leitor ao longo de sua interpretação. Essas pistas saltam aos olhos a partir da análise do léxico que se modifica, na obra, à medida que a busca pelo objeto — movida pelo desejo — e a transgressão das normas impostas pela sociedade alteram a composição do mundo que circunscreve a personagem.

Para Gimenes (2017), “Lispector é sagaz em tecer suas narrativas ressaltando o ser e aquilo que mais lhe faz humano: seus conflitos, anseios, desejos, medos e máscaras que adota para encenar nas mais diferentes situações cênicas da vida” (GIMENES, 2017, p. 59).

Dessa forma, embebida da admiração pela profundidade inquietante da escrita de Clarice, o objetivo deste trabalho volta-se para a análise do erotismo em um de seus contos mais conhecidos, “Felicidade Clandestina”, a partir dos pares *contínuo/descontínuo*; *interdito/afinidade* cunhados por Bataille (1987), uma vez que essas noções se encaixam na análise do conto, na medida em que captam a problematização do desejo e a consciência da “falta” presente no conflito da personagem.

É nesse sentido que Novaes (2017) formula que

(...) na condição de narradora adulta, que rememora e se encontra na elocução, interpretar a escrita é tal e qual ser tida sexualmente por um amante absoluto, que presumivelmente a completaria (...). Observamos no conto felicidade clandestina como ocorre o processo de desenvolvimento do desejo e como ele se manifesta nas ações e sentimentos das personagens. Erotismo e desejo integram, paralelamente, a constituição das personagens clariceanas. (NOVAES, 2017, p. 72).

Segundo Bakhtin (2003, p. 203), a obra de arte ou a Literatura é “um acontecimento artístico vivo, significante, no acontecimento único da existência”, logo a escolha de um texto de Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina”, para análise, nesse trabalho, não foi ao acaso, já que sua escrita navega entre a literatura, psicanálise e filosofia de modo ímpar.

Para fundamentar melhor essa última relação, a obra “O erotismo”, de Bataille (1987) oferece suporte à pesquisa, pois cunha os conceitos de desejo e erotismo a partir de noções duais que atravessam o conto clariciano na medida em que a busca da personagem principal pelo livro mimetisa a busca pela continuidade proposta pelo filósofo francês. O autor, Bataille, nascido na França em 1897 e aluno da escola documentalista, trabalhou como arquivista da Biblioteca Nacional de Paris é considerado como um dos escritores mais polêmicos e originais do século XX.

(2010), ao tratar das abordagens das obras de Bataille, destaca que

(...) no pensamento de Georges Bataille podemos encontrar diversas influências como o marxismo, psicanálise, a antropologia de Marcel Mauss, os escritos do Marquês de Sade, o pensamento de Hegel (principalmente no início de sua formação intelectual) e de Friedrich Nietzsche. Sobre este último, destacamos o fato de ele ter defendido suas idéias em alguns ensaios, contra as apropriações que foram feitas pelos nazistas. No tempo em que viveu, Bataille teve seu trabalho pouco reconhecido, e alguns de seus contemporâneos, como Sartre, o chamavam de um "ateu místico" ou de "metafísico do mal". Seu trabalho, porém, influenciou uma geração posterior de autores como Jacques Derrida, Michel Foucault, Philippe Sollers, Jean Baudrillard, Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy. Dentre seus

principais trabalhos podemos destacar: "O erotismo" (1954); "A experiência interior" (1943); "O culpado" (1943); "A parte maldita" (1949); "A literatura e o mal" (1957), e seu polêmico ensaio apontado anteriormente, "Sobre Nietzsche" (1945). Bataille ainda escreveu obras literárias como "História do Olho" (1928), "Madame Edwarda" (1941) e "O Azul do Céu" (1957). Ele também foi fundador ou membro do corpo editorial de várias revistas como Critique, Documents e o periódico Acéphale. (GALANTIN, 2010, p. 14).

2.1 A solidão do erótico

Para Bataille (1987, p. 10), "(...) do erotismo, é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte". Isso se relaciona à ideia de contínuo e descontínuo em que o desejo incita a busca pela continuidade nunca alcançada, de acordo com o filósofo.

A ideia de descontinuidade, por sua vez, dá-se pela perspectiva de Bataille (1987) de que um ser começa quando começa o corpo, percebendo-se cedo a busca pela continuidade no despertar da atração e do desejo:

A reprodução coloca em jogo seres descontínuos. Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros, e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles que os geraram. Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter para os outros certo interesse, mas ele é o único diretamente interessado. Só ele nasce. Só ele morre. Entre um ser e outro há um abismo, uma descontinuidade. Esse abismo situa-se, por exemplo, entre vocês que me escutam e eu que lhes falo. Tentamos nos comunicar, mas nenhuma comunicação entre nós poderá suprimir uma primeira diferença. Se vocês morrerem, não sou eu que morro. Nós somos, vocês e eu, seres descontínuos. (1987, p. 11)

Dessa forma, Bataille (1987) lança mão de conceitos da biologia dos seres para representar a origem do abismo entre um ser e outro partindo da união dos gametas, uma vez que essa fusão decorre da morte de células descontínuas. No entanto, essa visão biológica se propaga em um ser adulto na medida em que

carregará, em si, o desejo inato da busca pela continuidade, a saber (BATAILLE, 1987, p. 10):

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuais e aos homens, mas, aparentemente, só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças. (BATAILLE, 1987, p. 10).

Portanto, para o pensador do corpo, quando um ser começa, o abismo gerado entre as relações começa, tornando real o conceito de que estamos “sós no mundo”. Embora a busca pela continuidade passe a ser uma constante, embalsamada pelos desejos impulsionados por nossos ímpetos eróticos, nunca será conquistada já que a possibilidade de cessar essa busca se dá apenas pela ilusão de que a morte torná-lo-á um ser contínuo. Neste sentido, Bataille (1987, p. 11) observa que

“(…) cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter para os outros algum interesse, mas ele é o único interessado diretamente. Ele só nasce. Ele só morre. Entre um ser e outro, há um abismo.” (BATAILLE, 1987, p. 11)

2.2 A ilusão da continuidade

Para os românticos, aqueles que acreditam na completude do ser a partir do encontro utópico de almas, o encaixe sexual é indispensável, mas ele deve vir carregado de sentimentos, assim dizem sentirem-se como um só, ou seja, corpo e alma são inseparáveis, nessa perspectiva. Essa ideia de continuidade que soa de maneira poética, não passa de uma perspectiva ilusória, uma vez que fisicamente isso seria impossível, pois, mesmo no ato sexual, os seres continuam separados em sua corporeidade.

Em “O Erotismo”, Bataille (1987, p. 130) considera que “(...) a sexualidade é uma experiência que permite ao humano ir além de si mesmo e superar a descontinuidade que condena o ser”. Deste modo, provoca reflexões acerca da

separação do sentimento romântico/amoroso do erotismo, pois este é talhado como a chave que desvenda os aspectos fundamentais daquilo que compõe a natureza humana, a linha tênue entre o natural e o social. Ou seja, a ideia de continuidade romântica, ou idealizada, é anulada, pois o ser está condenado a si mesmo, enquanto corpo.

Para o Bataille (1987), o erotismo é o meio para transcendermos, ainda que por breves momentos, essa condição, a partir de uma perspectiva que está vinculada à nossa subjetivação de nós mesmos, do outro, e, por fim, do ato sexual, assim nos tornando capazes de superar a descontinuidade que limita o ser humano, e não através da fecundação entre dois seres que são biologicamente únicos e descontínuos. Segundo o autor, somos seres descontínuos, pois, entre cada ser, há um abismo que o separa do outro. Nascemos sós e morremos também sós. Mesmo que os eventos que nos afetam interessem a outros, estamos essencialmente isolados (BATAILLE, 1987, p. 21-22).

Assim, a morte tem sentido, para os seres descontínuos, de continuidade da vida, na obra citada de Bataille (1987), enquanto que a fecundação, desejada em um “relacionamento perfeito” almejado pela maioria dos seres como complemento da felicidade conjugal, leva à ideia de descontinuidade, embora carregue a sensação ilusória da continuidade dos seres descontínuos. Essa sensação é causada pelos gatilhos que o erotismo dispara no inconsciente humano, que sendo racional, reconhece-se como ser descontínuo, mas, quando levado pelos impulsos emocionais passa a buscar freneticamente a substituição da ideia de solidão, enxergam no outro a possibilidade de uma continuidade/fusão. Isso acontece porque a essência do erotismo, nessa perspectiva, é a substituição da posição de indivíduo pela atrativa continuidade entre dois seres, uma vez não alcançada essa troca de posição, o ser recai em sofrimento e dor.

No texto de Clarice Lispector objeto desta pesquisa, na leitura proposta neste trabalho, uma entre tantas e não a melhor ou a definitiva, a personagem principal, uma criança, está em busca da continuidade, ao desejar ter um livro, cuja posse é, de diferentes formas, adiada, pela outra personagem, também uma criança, sendo lhe dado, apenas após grande sofrimento e espera. No final do conto, quando a personagem está entregue à leitura, este ato, o de ler, é associado à relação erótica, pois ela é representada não mais uma menina com um livro, mas “uma mulher com seu amante”. Todas as interdições de acesso ao livro podem ser pensadas não

apenas como atos perversos da outra personagem, a menina que era dona do livro, objeto de desejo da criança leitora, mas pobre (portanto, impossibilitada de comprá-lo), mas como figurações dos interditos, segundo Bataille (1987), como as restrições que postulam os tabus da sociedade, dando ênfase ao aspecto sexual do ser humano.

O erotismo encarado pela inteligência como uma coisa é, como a religião, uma coisa, um objeto monstruoso. O erotismo e a religião nos são fechados na medida em que não os situamos deliberadamente no plano da experiência interior. Nós os situamos no plano das coisas que conhecemos de fora, se cedermos, mesmo sem o saber, ao interdito. O interdito observado fora do medo não tem mais a contrapartida de desejo que é o seu sentido profundo. O pior é que a ciência, cujo movimento quer que ela trate o interdito objetivamente, procede do interdito, mas ao mesmo tempo o recusa, posto que ele não é racional! Só a experiência de dentro lhe confere o aspecto global, o aspecto em que ele é finalmente justificado. Se fazemos obra de ciência, com efeito, abordamos os objetos enquanto eles são exteriores ao sujeito que somos: o próprio cientista torna-se, na ciência, um objeto exterior ao sujeito, que constitui sozinho obra de ciência (mas não poderia fazê-lo se inicialmente ele não se tivesse negado como sujeito). (BATAILLE, 1987, p. 25).

3. DESEJO E INTERDIÇÃO EM “FELICIDADE CLANDESTINA”

No capítulo 2 foi apresentada uma breve apresentação e contextualização da obra “O erotismo”, de Bataille (1957), com o fito dar embasamento à análise do conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, uma vez que este apresenta, de forma velada, a relação sensual entre a protagonista e a busca pela obra “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato.

Novaes (2017), ao escrutinar as relações eróticas existentes no conto, destaca que

No conto de Lispector, a ânsia da narradora em busca dessa narrativa não é aleatória. Em *Reinações de Narizinho*, as histórias desenrolam-se no Sítio do Pica Pau Amarelo, ambiente no qual as personagens, principalmente Narizinho e Emília, vivenciam suas aventuras extraordinárias, instigadas pela vontade de viver. Os fatos ocorrem entre a fantasia e o universo real das personagens, gerando uma sensação de que tudo é possível. Dessa forma, a própria relação intertextual construída em “Felicidade Clandestina” nos remete a um local de sonhos, de devaneios, de fantasias e de desejos que podem ser vivenciados. (NOVAES, 2017, p. 65).

Desta forma, é possível observar que Clarice Lispector dá pistas para entender a relação entre a garota e o livro, evidenciada, de forma ainda mais clara, através de uma descrição sensual acerca da obra: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro pra se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses (...)”. Assim, pode-se inferir, na repetição do sintagma “era um livro”, bem como na repetição dos clíticos que se referem, de maneira anafórica, a um mesmo substantivo, que se há instaurada uma obsessão da personagem pela obra desejada. Todavia, o período seguinte marca a barreira entre ela e o objeto de seu desejo, o que marca, de fato, o abismo entre ambos, conforme elaborado por Bataille (1987) e Coelho (2011).

Assim concebido, pensando a partir das noções elaboradas no capítulo anterior, pode-se entender a relação estabelecida entre a personagem e o livro como a busca pelo apagamento do *status* de ser descontínuo por meio da fusão,

impulso de tornar-se contínuo, marcado pelo desejo que, aqui, deve ser entendido como manifestação de falta. Nesse sentido, alcançar o livro é, para a personagem, a possibilidade de preencher sua individualidade enquanto sujeito.

Para Novaes (2017), instaura-se um clima de sedução no conto, na medida em que

O desejo e o erotismo, consistindo-se em um ponto assinalado pela falta, pela privação, equivalem-se “aos espaços dos sujeitos mediatizados e orientados para a consecução do prazer, a supressão da necessidade, através de suas atuações, seus papéis no espetáculo erótico”. (DURIGAN, 1985, p.31). O processo de busca do livro, por si só, já dissemina um jogo de sedução. Na menina, há o desejo de possuir a obra, em busca da completude. (NOVAES, 2017, p. 67).

No jogo de sedução, a busca pela completude cria uma nova realidade – aquela dos amantes – que dissocia as regras e mesmo o tempo do mundo real. Com a possibilidade de posse do livro, a personagem ressignifica a realidade: “Até o dia seguinte, eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.” (LISPECTOR, 1998, p.10).

Em várias passagens do conto é repetida a impossibilidade de acesso ao objeto de desejo, a interdição, que gera a frustração da criança, mas o desejo de ler o livro a faz superar essa frustração e ir novamente à casa da colega:

O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo. (LISPECTOR, 1998, p.10)

Após sucessivas idas frustradas, ocorre a intervenção da mãe, o adulto, aqui poderia ser visto como uma representação da Lei, quebra o ciclo perverso de promessa e adiamento (similar ao desejo/frustração/desejo) e dá acesso ao livro:

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler! (LISPECTOR, 1998, p.11).

Após essa intervenção, a criança se transforma. Na narrativa, o seu modo de andar e olhar a cidade muda:

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (LISPECTOR, 1998, p.11 e 12).

Mesmo de posse do livro (amante), ela adia o momento de desfrutar esse prazer, há prazer também no adiamento, ou seja, na promessa do prazer gerado pela leitura:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. (LISPECTOR, 1998, p. 12).

No final do conto, a relação entre leitura e erotismo se torna óbvia pelas palavras escolhidas pela narradora:

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (LISPECTOR, 1998, p. 12).

4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve trabalho, que exigiria muito mais esforço analítico e pesquisa, para ser realizado em toda a sua complexidade, buscou-se mostrar um pouco da ligação entre erotismo e literatura, em um conto da escritora Clarice Lispector.

Vale destacar que muito poderia ser dito sobre leitura e prazer, leitura e erotismo, em especial no campo da leitura literária, a partir do que é suscitado neste breve conto, já clássico no conjunto de contos da literatura brasileira. Não abordei a leitura por falta de tempo para realizar pesquisas que fundamentassem a análise, que se pautou na reflexão acerca de questões muito complexas.

Pode-se dizer, ao final, que há muito ainda a ser investigado, assim como o desejo é incessante e contraditório. Posso ainda declarar, que me deu muito prazer ler e reler este conto, como também me deu muita dor e angústia realizar o trabalho e atravessar os limites do meu desejo e todas as interdições dos prazos que sempre nos lembram da nossa própria morte.

O fim é apenas o (re)começo de uma pesquisa que pretendo continuar em um outro momento, seja da obra de Clarice Lispector, que este ano faria 100 anos, seja do desejo.

Espero, finalmente, que este trabalho provoque em outras leitoras o desejo de ler Clarice Lispector e seus textos instigantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia de linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2010. 203 p.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2003. 176 p.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987. 344 p.

COELHO, N. N. O erotismo na literatura feminina do início do século XX - da submissão ao desafio ao cânone. **Videtur Letras**, n. 3, p. 33-42, 2001.

GALANTIN, D. V. Considerações sobre “O Erotismo, de Georges Bataille: um pensador do paradoxo e da transgressão”. **Revista Cadernos de Clios**, v. 1, p. 9-17, 2010.

GIMENES, J. F. G. **Clarisse Lispector e a linguagem: memórias metaforizadas em Felicidade Clandestina, Rostos do Carnaval e Cem Anos de Perdão**. 2017. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia – UFU. 111 p.

GOTLIB, N. B. **Clarisse**: uma vida que se conta. São Paulo: EDUSP, 2013. 656 p.